

O trabalho feminino: uma análise da Fábrica Rheingantz (Rio Grande, 1920 a 1968)

MATOSO, CAROLINE DUARTE¹; CLARICE GONTARSKI SPERANZA²;

¹Universidade Federal de Pelotas – historiamatoso@gmail.com

²Universidade Federal do Rio Grande do Sul – clarice.speranza@gmail.com³

1. INTRODUÇÃO

A Fábrica Rheingantz se instalou no município de Rio Grande (RS) em 1873. Se destacando por sua estrutura e capital investido, a empresa contribuiu para as transformações sociais e urbanas que estavam emergindo em meados do século XIX. É a partir deste período que começaram a surgir novas formas de relações sociais, advinda do êxodo rural e das novas sociabilidades dos centros urbanos. Acompanhando a composição da mão de obra dos setores têxteis, a Fábrica Rheingantz empregou um número considerável de trabalhadoras, sendo, como levanta a historiografia sobre a empresa, superior a mão de obra masculina durante todo o período de administração da família Rheingantz (1873 a 1968).

Assim como a literatura acerca do trabalho feminino relata, a industrialização e o crescente número de mulheres que adentraram os portões fabris colocaram em xeque os papéis sociais destinados às mulheres na sociedade. Perrot discorre: “como conciliar o trabalho doméstico, sua tarefa mais importante, com as horas na fábrica?” (2007, p. 119). A divisão sexual do trabalho que destina às mulheres as atividades de cuidado e reprodução, promoveram a separação entre a esfera pública e privada a partir de um recorte de gênero, no qual às mulheres o privado era seu privilegiado. Porém as novas relações laborais intensificavam as contradições entre o que a sociedade intitula sendo “feminino” e suas reais experiências no mundo.

Na Fábrica Rheingantz não foi diferente. Percebe-se que o gênero é um fator determinante nas experiências laborais das (os) trabalhadoras (es). É a partir da intersecção entre gênero, raça e classe que podemos perceber a distribuição de cargos ocupacionais e, consequentemente, salariais. Dário Camposilvan, contramestre da empresa, define a distinção de gênero nos cargos ocupacionais:

Tinha 19 a 20 contramestres. Cada contramestre assumia 22 máquinas [...]. Quem trabalhava nas máquinas era só a mulher. Os homens eram só para a manutenção das máquinas, entendeu? [...]. Nesse ramo a mulher tem mais agilidade que o homem, não é? (1981, p. 10).

Porém, as mulheres não foram alheias a esse processo. As trabalhadoras não foram um ser coisificado, sem voz e força política para definir e redefinir seus papéis no mundo. Não existe dominação sem negociações e conflitos (CHALHOUB; SILVA, 2009). Visto isso, o objetivo deste trabalho é compreender como as trabalhadoras da Fábrica Rheingantz interagiram, incorporaram e resistiram às identidades destinadas a elas, assim como quais fatores acarretaram em trajetórias distintas entre homens e mulheres no mundo do trabalho.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada para tecer esta pesquisa é a história oral e a análise documental. A partir de entrevistas salvaguardadas no Centro de

Documentação Histórica da FURG, irei explorar os signos do passado vivido pelas (os) trabalhadoras (es). As entrevistas foram realizadas durante as décadas de 1980 e 1990, com a finalidade de preservar a história daquelas (es) trabalharam e habitaram na vila operária Rheingantz. A análise documental se dará em base na documentação produzida no setor administrativo da Fábrica Rheingantz.

Para analisar as entrevistas tenho como respaldo teórico autores que discorrem acerca das relações entre história oral e a memória. Entendo enquanto memória, “[...] uma reconstrução continuamente atualizada do passado (CANDAU, 2011, p.9)”. Essa reconstrução continua do passado é estruturada a partir de hierarquias e classificações, na qual há um processo de negociações entre memórias individuais e memórias coletivas (HALBWACHS, 2004).

As aspirações e o presente vivido pelas (os) trabalhadoras (es), no qual muitos se encontravam no desemprego e/ou aposentadas (os) mas sem conseguir se manter financeiramente com o benefício recebido, contribui para uma memória saudosa do passado no qual trabalhavam na Fábrica Rheingantz. Esse saudosismo pode acarretar na amenização dos conflitos de gênero e de classe vivido, mas ao analisar as contradições nas respostas respondidas durante a entrevista, podemos ver que estão presentes. Como, por exemplo, a narrativa de Rosane, na qual em primeiro momento a entrevistada apontou não haver segregação ocupacional na empresa Rheingantz, afirmando que todas (os) exerciam os mesmos serviços; porém, em um outro momento da entrevista, a mesma relatou que não havia mulheres em cargos de chefia ou em cargos mais qualificados.

Assim como Rago (1997) relata, as fontes documentais acerca do trabalho feminino foram escritos, na maior parte das vezes, por homens. Logo, quando exploramos os escritos do passado encontramos a visão masculina sobre o trabalho feminino. Segundo Cellard (2010), é necessário levarmos em conta a conjuntura em que as fontes documentais foram produzidas, por quem elas foram redigidas, assim como para qual finalidade. Fazendo parte de documentos escritos pela administração da Fábrica Rheingantz, o acervo da empresa nos demonstra a visão do patronato acerca das (os) trabalhadoras (es). Sendo assim, a partir da análise híbrida entre fontes orais e documentais, conseguimos responder melhor a problemática da presente pesquisa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As memórias das (o) trabalhado (r) as demonstram que o gênero é uma categoria imprescindível para compreendermos as diferentes formas de dominação e resistências que se forjam no mundo do trabalho. Soeli Botelho e Margarida Soares ressaltam para a segregação ocupacional no universo fabril Rheingantz, no qual os trabalhadores eram supervisores, contramestres e mestres; enquanto as mulheres eram as que as tecelãs, que fiavam e tramavam os tecidos, ocupando cargos de menor remuneração e menor especialidade. A ex-operária Rosana dos Santos elucida o cotidiano na empresa e a divisão sexual do trabalho:

Tinha a tecelagem, fazia o fio. Já saía o rolo nos fios dos teares, que saía esse tecido aqui. Esse tecido ia cru para nós... para a gente arrematar ele, ver as falhas que tinham. Essas falhas aqui nós tudo é que fazia [...]. Para depois ir para a lavanderia lavar o tecido e depois ia para a costuraria, que é onde eles faziam o poncho [...]. Eles (homens) ajudavam a colocar as peças na mesa. Tingiam as peças para mandar... Colocavam na caldeira

para tingir [...]. Não... para trabalhar era só mulher [SOUZA, 2018, p. 5].

Os documentos produzidos pela administração da empresa Rheingantz, com a finalidade de registrar a distribuição de empregadas (os) por setores e máquinas, reafirmam que as trabalhadoras não ocuparam, durante o recorte temporal dessa pesquisa, cargos de melhor remuneração, como: mestres, contra mestres, e administrativo.

As preocupações que Perrot (2007) ressalta ser uma das principais ao se tratar de trabalho feminino e industrialização parecem ter sido solucionadas com a sobrecarga laboral das mulheres, que além de trabalhar nas fábricas acumulavam as tarefas de reprodução e cuidado. Rosana dos Santos relata que ao engravidar do seu primeiro filho passou a trabalhar na sua própria residência. Até seu filho passar do estágio de crescimento que necessita de amamentação, Rosana passou a costurar para a Fábrica Rheingantz em sua casa, tentando dividir as horas do dia entre o cuidado maternal e o emprego remunerado. Margarida Soares relata que enquanto ela e seu marido trabalhavam, seu filho ficava na creche e, posteriormente, na escola disponibilizada pela empresa Rheingantz, possibilitando assim que os dois mantivessem seus empregos.

As responsabilidades do cuidado e reprodução, ao seguirem sendo vistas como exclusivamente atividades femininas, demonstram que após a maternidade dificulta a permanência das trabalhadoras no trabalho assalariado fora do lar. Durante o recorte temporal que compreende essa pesquisa, 1920 a 1968, a disponibilidade de creches e escolas primárias para as crianças eram insuficientes, dificultando a carreira profissional feminina. Políticas sociais disponibilizadas pelos próprios sindicatos e/ou pela classe patronal que necessitava da liberação da mão de obra feminina, foram iniciativas importantes para que as mulheres seguissem trabalhando após serem mães.

Assim como Birolí ressalta: “[...] a divisão sexual do trabalho doméstico implica menor acesso das mulheres a tempo livre e a renda, com impacto nas suas participações políticas (2018, p. 43). Vítimas de um sistema que categoriza homens e mulheres desde o seu nascimento, atribuindo e separando o que seriam atividades masculinas e atividades femininas, a renda das trabalhadoras, ao serem vistas como “complementares” a dos seus maridos, era inferior à dos seus colegas homens. A fala do contramestre Dário Camposilvan, citada anteriormente, demonstra que os cargos destinados às mulheres (de menor remuneração) era visto como naturalmente feminino, no qual a mulher tinha mais agilidade que o homem.

4. CONCLUSÕES

Este trabalho constituiu um dos temas que abordo em um projeto maior: a minha dissertação, estando ainda em desenvolvimento e construção. Até o presente momento percebe-se que as experiências laborais na Fábrica Rheingantz reafirmam o que nas últimas décadas vêm sendo levantado por pesquisadoras e acadêmicas feministas: a necessidade de repensarmos a suposta neutralização da categoria classe social, refutando a ideia de classe assexuada.

5. REFERÊNCIAS

Acervos consultados:

Acervo Fábrica Rheingantz (Centro de documentação histórica – FURG) – Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil.

Entrevistas:

SANTOS, Rosana dos. Depoimento concedido em: 2018. (Acervo pessoal da autora).

BOTELHO, Soeli. Depoimento concedido em: 1981. Acervo Fábrica Rheingantz, Centro de Documentação Histórica Professor Hugo Alberto Pereira Neves, Fundação Universidade do Rio Grande, Rio Grande.)

CAMPOLSILVAN, Dario. Depoimento concedido em: 1981. Acervo Fábrica Rheingantz, Centro de Documentação Histórica Professor Hugo Alberto Pereira Neves, Fundação Universidade do Rio Grande, Rio Grande.)

ROCHA, Margarida Reis. Depoimento concedido em: 1987. Acervo Fábrica Rheingantz, Centro de Documentação Histórica Professor Hugo Alberto Pereira Neves, Fundação Universidade do Rio Grande, Rio Grande.)

Referências bibliográficas:

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean et. al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. **Petrópolis**: Vozes, 2010. p. 295-316.

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

FERREIRA, M. L. M. Os fios da memória: a Fábrica Rheingantz, entre passado, presente e patrimônio. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 19, n. 39, p. 69-98, jan./jun. 2013.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004

HOBSBAWM, Eric. Da história social à história da sociedade, In: _____ **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 106-136.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.